



<https://doi.org/10.51880/ho.v26i2.1345>



Rastros da Saara: memórias das diásporas árabes e judaicas no centro da cidade do Rio de Janeiro

Daniela Martins Nigri*

ORCID iD 0009-0009-1883-1308

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O presente artigo aborda as memórias visuais e orais das comunidades provenientes de países árabes que fazem parte da Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega (Saara), no centro da cidade do Rio de Janeiro. O espaço pesquisado foi habitado por migrantes desde o século XIX e posteriormente transformado em um centro comercial a céu aberto. Na década de 1990, novos grupos do leste asiático passaram a integrar o local. Utilizando imagens de arquivo, recursos filmicos e a abordagem metodológica da história oral, busca-se acessar as memórias atualizadas dos integrantes mais antigos, revelando presenças e ausências. A discussão proposta neste artigo é derivada de uma dissertação de mestrado, cujo escopo metodológico incluiu a produção de um documentário em curta-metragem sobre as reminiscências árabe-judaicas no centro da cidade carioca.

Palavras-chave: Diásporas árabes. Espaço urbano. Imagens cariocas. Rio de Janeiro.

Traces of the Saara: Memories of Arab Diasporas in the Center of Rio de Janeiro

Abstract: This article addresses the visual and oral memories of communities from Arab countries that are part of the Sociedade dos Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega (Saara) in downtown Rio de Janeiro. The researched space, inhabited by migrants since the 19th century, has been transformed into an open-air commercial center. By utilizing archival images, film resources, and a methodological approach based on oral history, the aim is to access the updated memories of the older members, revealing presence and absence. The discussion presented in this article derives from a master's dissertation that included the production of a short documentary film exploring the Arab-Jewish reminiscences amidst urban transformations in downtown Rio de Janeiro.

Keywords: Arab diasporas. Urban space. Carioca images. Rio de Janeiro.

* Doutoranda e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com orientação do Prof. Dr. Mohammed Elhajji. E-mail: danimartinsnigri@gmail.com.

Introdução

A zona portuária do Rio de Janeiro começou a receber migrantes dos países árabes, principalmente sírios e libaneses, no final do século XIX. Essas migrações foram intensificadas ainda mais nas primeiras décadas do século XX devido ao impacto transnacional dos conflitos europeus. A opção pelo Brasil tornou-se popular no decorrer da Primeira Guerra Mundial, “principalmente quando o Império Otomano declarou seu alinhamento com a Tríplice Aliança” (Meihy, 2016, p. 173). Esse acordo acarretou no confisco de produtos alimentícios, ocasionando um racionamento brutal, além de decretos que obrigavam os cidadãos sírios e libaneses maiores de idade a se alistarem no exército turco. Ademais, o quadro colonial “dos mandatos francês e inglês sobre a Síria, Líbano e Palestina que sucederam o período bélico mundial foram fatores que tiveram um impacto direto no surgimento e na dinâmica da emigração para as Américas” (Pinto, 2010, p. 27).

No caso particular da cidade carioca, a escolha desses migrantes pela ocupação da rua da Alfândega e adjacências antecede os deslocamentos do século XX, dado que, anteriormente, a então chamada Freguesia de Sacramento¹ apresentou “no censo populacional de 1890, o maior número dos oriundos da ‘Arábia’. Os imigrantes de origem ‘turca’, como referencia o censo, também constavam como maioria nessa freguesia” (Ribeiro, 2000, p. 42). Famílias árabes e judaicas oriundas do Líbano e da Síria reinventaram uma comunidade na rua da Alfândega e adjacências, conhecida como a Pequena Turquia. Uma generalização fez com que, no Brasil, esses migrantes fossem chamados de turcos, devido à presença do Império Otomano em países árabes. Os recém-chegados no centro do Rio de Janeiro moravam na parte de cima dos sobrados e em sua maioria trabalhavam como mascates. Esse trabalho, também conhecido como o trabalho de caixeiro-viajante, consistia em construir uma caixa de madeira com tiras de couro para amarrar nas costas, enchê-la de mercadorias, e caminhar de porta em porta oferecendo as mercadorias. Uma caixa cheia pesava em torno de 30 quilos.

No entanto, diferentes eventos políticos e sociais influenciaram na reconfiguração desse espaço urbano. A Reforma Pereira Passos acarretou na diminuição de 20% dos moradores da Freguesia de Sacramento, e como a atual Saara² situava-se dentro desses limites territoriais, ela “sofre algumas modificações, entre elas a obra de alargamento e prolongamento da rua do Sacramento, cujo nome foi mudado para Avenida Passos, em homenagem ao prefeito da cidade” (Ribeiro, 2000, p. 42). Posteriormente, a destruição

¹ A nomenclatura usada no século XIX referia-se ao período em que a cidade foi dividida em freguesias. A Freguesia de Sacramento, que atualmente corresponde às proximidades da rua da Alfândega, era uma das freguesias centrais, juntamente com Santana, Candelária, Santa Rita e São José.

² Região composta por doze ruas no centro da cidade do Rio de Janeiro. Seus limites são marcados pela avenida Presidente Vargas, a Praça da República, a Praça Tiradentes e a rua dos Andradas. De acordo com os dados disponibilizados pelo Pólo Saara, há mais de 900 lojas na localidade, voltadas para o comércio popular.

da Praça Onze, em 1942, acarretou na derrubada das ruas Senador Euzébio, General Pedra e Visconde de Itaúna. Devido à proximidade com a rua da Alfândega, famílias entrevistadas nesta pesquisa chegaram a residir em algumas dessas ruas que não existem mais. Além disso, um dos fatores que motivou o surgimento formal da associação de comerciantes Saara, em 1962, foi resistir à tentativa de demolição dos sobrados pelo governo Carlos Lacerda, que planejava construir a chamada Via Diagonal³ em seu lugar. Embora a Saara tenha resistido e integrado o projeto estatal do Corredor Cultural em 1983, não foram raros os episódios de incêndios que se sucederam por conta da má preservação.

A rua da Alfândega, outrora lugar de morada, voltou-se apenas para os fins comerciais. Mesmo diante desse novo cenário, a vida social sobreviveu na região que, desde o princípio de sua formação, foi atravessada por diferentes ameaças de remoções. O que permanece da cultura dos países de origem e da experiência compartilhada nessas décadas iniciais é, além do esquecimento, uma memória transformada no tempo, residual nos gestos, cheiros, sabores e lugares. A vida recriada no Brasil pode ser presentificada através desses traços da memória, de relatos e vestígios que nos permitem recriar passados simbólicos. Durante a pesquisa de campo, baseada na metodologia da história oral, encontramos representantes da segunda e terceira geração do grupo de oito migrantes que chegaram ao centro da cidade. São eles: Rebeca, Carlos, Toni, Salim, Mari, Joel, Julia e Kamal.

Espaços e tempos múltiplos

Os acontecimentos e as situações vividas pelos entrevistados precisam ser narrados para serem transmitidos, sendo um dos alicerces da história oral justamente a narrativa. Assim, “ao contar suas experiências, o entrevistado transforma aquilo que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido” (Alberti, 2004, p. 77). No processo de elaboração narrativa entre o vivido e o concebido, deve-se considerar que o não dito pode, por vezes, ser mais importante do que aquilo que foi dito. Além disso, a credibilidade da história oral é diferente, pois ao mesmo tempo em que pode se afastar do fato, também pode se aproximar dos simbolismos, da imaginação. “A primeira coisa que torna a história oral diferente, portanto, é aquela que nos conta menos sobre eventos que sobre significados” (Portelli, 1997, p. 31).

Observa-se que não há linearidade na narrativa das pessoas mais velhas entrevistadas neste trabalho, uma vez que a atividade consciente da memória mescla informações.

³ Avenida projetada com intuito de ligar a Lapa à região da Central do Brasil, próxima ao Campo de Santana.

Por exemplo, Rebeca, de 92 anos, ao se referir à nacionalidade de um familiar que havia morado com ela, mencionava “do Egito... da Síria... do Líbano...”, antes de chegar ao local correto. Nestes casos, a precisão não é importante, pois a conversa assume diferentes direções, evocando a nacionalidade de todos os seus familiares e resgatando memórias que estavam há muito tempo sem serem verbalizadas. O processo de construção de sentido é conflituoso, pois não há uma única narrativa dos eventos passados, mas uma batalha na qual diferentes atores expressam suas perspectivas. Com o intuito de cruzar relatos e desenvolver uma polifonia de vozes sobre a experiência transnacional, buscamos abranger uma diversidade geracional e de gênero na seleção dos entrevistados.

A partir do trabalho das autoras Velasco e Gianturco (2012), consideramos o espaço e o tempo elementos fundamentais no trabalho com fontes orais sobre movimentos migratórios. Existem três tempos biográficos elencados nos estudos revisados pelas autoras: “genealógico, simultâneo e geracional” (Velasco; Gianturco, 2012, p. 137). O primeiro se refere a relações com o passado, com caráter comunitário ou familiar e pode incluir uma origem mítica ou histórica. O segundo é relativo às relações simultâneas e contemporâneas. Enquanto o último inclui a dimensão do tempo dos antepassados e pode ser útil para projetar as gerações futuras através dos descendentes, como filhos e netos.

O que acontece quando os tempos biográficos evocados envolvem não apenas um lugar, mas múltiplos lugares? Uma imagem multiespacial foi construída com as diferentes narrativas desta pesquisa. Entre os discursos proferidos, surgiram dicotomias como “o aqui e o lá”, “o país de emigração e o país de acolhimento”, “o antigo e o novo centro da cidade do Rio de Janeiro”, “a Saara e os novos bairros e habitações onde os entrevistados se encontram no momento em que narram”. Para compor a análise das camadas temporais e espaciais, optamos pelo uso de imagens fixas e em movimento, além das fontes orais.

Recuperar arquivos, filmar o outro

Imbuídos em um processo dialético entre lembranças e esquecimentos, despertamos noções sobre os antigos espaços vividos, demolidos e imaginários. Durante as conversas com os entrevistados, notamos uma escassez de fotografias antigas, pois poucas famílias possuíam imagens do passado e do país de origem. No entanto, é notável a prática de algumas lojas de expor nas paredes fotografias dos pioneiros e fundadores como forma de homenagem.

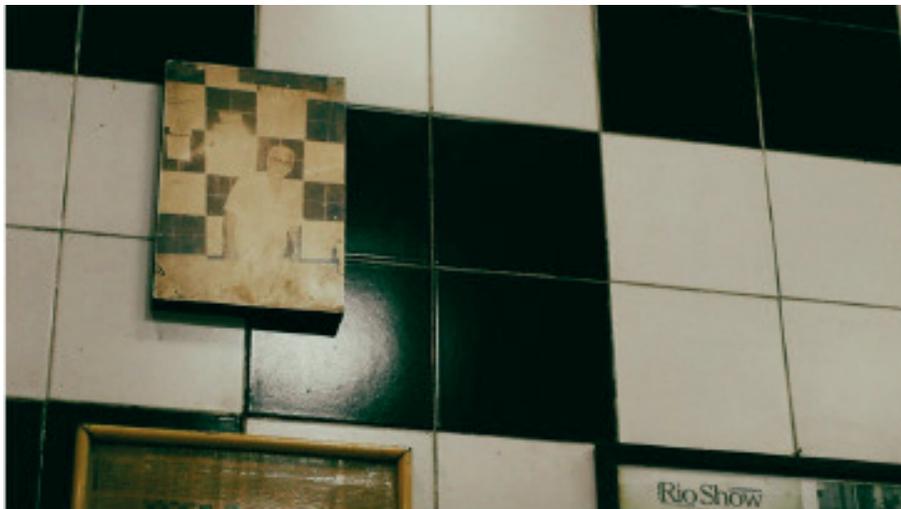


Figura 1 – Fotografia de Tufic Bassil, libanês, na Padaria Bassil em 2022. Foto: Daniela Nigri.

Na imagem acima, podemos observar a prática de exposição de fotografias na parede de uma loja. Nesse caso específico, a fotografia em destaque retrata Tufic, o pioneiro da Padaria Bassil, renomada pela sua tradição na culinária libanesa. A fotografia foi cuidadosamente posicionada em um local privilegiado, logo acima do balcão onde os clientes apoiam seus lanches. Essa escolha estratégica chama a atenção de todos os visitantes, criando um ponto de destaque e prestando uma homenagem significativa à figura emblemática e familiar de Tufic.

Por vezes, as fotografias mostram as transformações estruturais na cidade e, por outras, indicam quais as imagens que nos faltam. Um ponto que merece atenção é a ausência de mulheres, tendo em vista que imagens femininas são mais difíceis de se encontrar, a não ser quando essas mulheres estão reunidas em família. Apesar disso, foram observados casos nas entrevistas realizadas em residências nas quais as mulheres eram responsáveis por organizar as fotografias, mesmo que fossem escassas. Dessa forma, essas mulheres assumiram o papel de preservar os vestígios visuais da experiência migrante.

Além disso, dispomos de fotografias das reformas urbanas do centro da cidade, encontradas em acervo de institutos especializados. No caso das fotografias captadas sob o olhar de Augusto Malta (1864-1957), encontram-se vestígios do ambiente estudado, como a rua da Alfândega e a avenida Passos nas primeiras décadas do século XX. Malta foi um expoente da fotografia, dedicado a retratar a urbanização do Rio de Janeiro no período em questão, que contou com a acelerada, e traumática, modernização.



Figura 2 – Vista do Centro do Rio; arredores da avenida Passos, 1910. Foto: Augusto Malta. Coleção Gilberto Ferrez. Acervo Instituto Moreira Salles.

Didi-Huberman (2012) discorre sobre a imagem enquanto um rastro que toca o real, e o arquivo é compreendido como um vestígio discursivo do passado, que não se encerra na sua funcionalidade estritamente objetiva de recuperar algo. Isso também ocorre se compreendemos que não é possível resgatar ou recuperar, mas sim reconstruir, ressignificar e recriar um passado. Frequentemente, nos deparamos com um acervo rizomático de imagens heterogêneas, sendo difícil compreendê-las e organizá-las. A tentativa de fazer uma arqueologia com essas imagens consistiria em se arriscar “a por, uns junto a outros, traços de coisas sobreviventes, necessariamente heterogêneas e anacrônicas, posto que vêm de lugares separados e de tempos desunidos por lacunas. Esse risco tem por nome imaginação e montagem” (Didi-Huberman, 2012, p. 211).

Didi-Huberman defende que a imagem não pode ser diminuída a um corte praticado no mundo dos aspectos visíveis. Ao contrário, pode ser uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar e dos tempos suplementares “fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles – que não pode, como arte da memória, não pode aglutinar. É cinza mesclada de vários braseiros, mais ou menos ardentes” (Didi-Huberman, 2012, p. 216). A imagem arde porque é aberta às possibilidades de aproximação, de interpretação, pelo desejo que anima e pela destruição que dela escapou.

Neste percurso, a escolha por filmar as entrevistas se mostrou pertinente para ajudar a interligar esses rastros, possibilitando criar uma composição com fotografias, relatos, silêncios e sonoridades de tempos distintos. Para Bresson (2014), a escolha de filmar é oposta ao objetivo de empreender uma mera ilustração. A possibilidade de filmar não seria “para mostrar homens e mulheres limitados a seu aspecto exterior, mas para descobrir a matéria da qual eles são feitos. Atingir esse ‘coração do coração’ que não se deixa captar nem pela poesia, nem pela filosofia, nem pela dramaturgia” (Bresson, 2014, p. 41).

Rancièrè, em seu ensaio *A ficção documental* (2010), adentra os territórios da memória a partir dos filmes e discute que ela não pode ser compreendida como um conjunto de lembranças da consciência, pois assim “a própria ideia de memória coletiva não teria sentido. A memória é um certo conjunto, um certo arranjo de signos, de vestígios, de monumentos” (Rancièrè, 2010, p. 179). As imagens do passado seriam então registros incompletos e partes de um todo em reconstrução.

Rancièrè afirma que a memória pode ser compreendida como uma obra de ficção. O autor reforça que a consciência histórica poderia opor a busca pela verdade às ficções da memória coletiva, que “forjam os poderes em geral e os poderes totalitários em particular. Mas a ficção, em geral, não é a bela história ou a vil mentira que se opõem à realidade ou que se querem fazer passar por ela. *Fingire* não significa inicialmente fingir, mas forjar” (Rancièrè, 2010, p. 180). O autor retoma, então, a discussão sobre as fronteiras entre o real e o ficcional, afirmando que um filme documentário não seria o oposto da ficção.

É possível pensar que o caráter ficcional da memória se manifesta a partir do trabalho artístico com os rastros do passado e seus signos. Assim, o documentário “pode, mais do que o cinema dito de ficção, jogar com as concordâncias e discordâncias entre vozes narrativas e as séries de imagens de época, de proveniência e significados variáveis” (Rancièrè, 2010, p. 182). A realização fílmica, desde a sua concepção até o encadeamento dos planos na montagem, revela um sentido próprio, uma narrativa que fundamenta um discurso imaginado e construído por seu realizador.

Ainda é possível indagar como a imaginação e as imagens do real se encontram. Para Emily Keightley e Michael Pickering, as memórias que temos do passado são fragmentárias e, durante o processo de rememoração, fazemos o uso da imaginação para preencher as lacunas e para contextualizar o sentido dessa memória. Os autores afirmam que “a imaginação mnemônica é parte de todo nosso pensamento sobre o passado, o presente e o futuro e as múltiplas maneiras em que eles estão inter-relacionados em formas de primeira e segunda mão de experiência” (Keightley; Pickering, 2012, p. 165). Distanciando-se um pouco da fantasia, a imaginação possui um viés de coletividade, além de ser palco para a ação. Lembramos, com Arjun Appadurai, que a obra da imaginação “tem em si um sentido projetivo, o sentido de ser o prelúdio a um qualquer modo de expressão, seja estético ou outro” (Appadurai, 2009, p. 19).

Na presente pesquisa, além das fontes orais, utilizamos imagens de arquivos e novas imagens filmadas. No caso das entrevistas filmadas, destacamos que “a opção pelo vídeo, por exemplo, significa ganhos inegáveis para o projeto, já que possibilita a incorporação no depoimento de um conjunto de elementos não verbais (gestualidade, expressões faciais, olhares etc.)” (Ribeiro, 2015, p. 82). Logo, foi percebida a relação entre imagem e memória, desdobrando-se nas relações entre o real e o ficcional.

Durante as entrevistas filmadas, algumas formas de narrar se relacionam com a obra da imaginação. Ao descrever o primeiro quarto onde sua família morou na rua Senhor dos Passos, um dos entrevistados disse achar que duas famílias ainda moram lá. Outro entrevistado afirmou que todos os mais velhos, patrícios da primeira geração, morreram de diabetes porque, quando conseguiram ter dinheiro para comer, passaram a ingerir bandejas inteiras de doces para compensar os momentos de dificuldade passados. Não há pessoas morando no local descrito e nem todos morreram de diabetes, mas esses relatos se referem ao entendimento desses interlocutores do espaço coletivo. O primeiro quis dizer que o espaço quase acabou em termos de moradia, mas ainda há algo que resta. O segundo, por sua vez, utilizou a experiência de alguns para falar sobre as mudanças de vida.

As entrevistas filmadas se deram de forma dialógica, entre entrevistador e entrevistado, e, conforme os processos da memória coletiva, utilizando-se da lembrança de outros – não necessariamente presentes no ato da fala – para elaborar a reconstrução. Além disso, o trabalho de montagem que partiu desse material junto com as fotografias se direcionou ao tom de uma “ficção documental”, como define Rancière, visando preencher as lacunas sobre o que não “existe” mais.



Figura 3 – Mansour em Saidnaya, Síria. Foto: acervo da família Mansour.

Tecer as narrativas de um espaço

Como o disparador dessas memórias foi um espaço físico comum e experimentado por todos os entrevistados, cada um à sua forma, um dos primeiros fatores a ser ponderado no processo das entrevistas foi o ambiente onde elas deveriam ser realizadas. A decisão mais lógica teria sido ir ao centro da cidade, nas lojas, nas ruas, para entrevistá-los. No entanto, alguns já apresentam idade superior a 80 anos, e, por esse motivo, frequentam o centro da cidade por no máximo duas horas ao dia. Assim, a maior parte das entrevistas com os mais velhos foi realizada em suas casas. Por outro lado, as entrevistas com os membros da terceira geração, que têm entre 50 e 60 anos de idade e que ainda frequentam assiduamente o centro da cidade, ocorreram nas lojas.

Para conduzir as conversas, partimos de um lugar que passou por transformações profundas, não diretamente em sua forma material, mas em seus usos e em seu entorno. Tratando-se dos assuntos relativos à preservação do espaço, três elementos encontrados nas narrativas são destacados. Primeiramente, na elaboração conjunta sobre a Saara, nenhum dos entrevistados mencionou o fato de que as ameaças de remoção das famílias dos sobrados foram executadas pelo poder público. Embora os fatos históricos evidenciem que a formação da associação de comerciantes tenha ocorrido a partir do planejamento de remoção durante o governo de Carlos Lacerda, na década de 1960, e isso, somado a outras ameaças, tenha atrelado ainda mais a comunidade ao espaço, a seletividade da memória parece se ancorar em outros eventos. Para os mais velhos, as lembranças da demolição da Praça Onze, de suas ruas paralelas e perpendiculares ocuparam mais os seus pensamentos.

Nesse sentido, a voz dada aos mais velhos se associa a um exercício de autonomia relativo a uma possibilidade de agir e de contar a própria história. Isso também é permitido pela prática relacional entre entrevistado e entrevistadora, que os possibilita falar e criar uma narrativa de vida. Bosi (2012) escreve que, diferentemente do adulto ativo, que pode se ocupar da memória como um momento de fuga, de lazer e de contemplação, a situação dos mais velhos é outra. “Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está-se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida” (Bosi, 2012, p. 23).

Quando perguntamos a quatro entrevistados de 80 e 90 anos sobre as ruínas e as antigas demolições, a memória que foi evocada não se encerrou no território da pesquisa. Dois deles, além de terem morado na rua da Alfândega, moraram também nas imediações da Praça Onze. Rebeca, nascida em 1931, conta sobre a demolição de sua casa da rua General Câmara:

Nós fomos despejados de lá para poder fazer a Presidente Vargas. Eu lembro, era 1942. Eles demoliram as nossas casas e deram 30 dias para a gente sair, todo

mundo ali. E meu pai fechar a loja. Ele tinha uma loja de alfaiataria. E ele teve que fechar tudo em trinta dias. É... colocavam na porta que a gente tinha que mudar. A minha avó, a mãe dele, morava em frente a gente. Ela morreu no dia 16 de maio de 1942, e em junho eles puseram o papel na porta para todo mundo mudar. Aí a família... cada um foi para um lado. (Rebeca Varsano, 2022).

Joel, por sua vez, nos conta que morou em diferentes quartos de sobrados com a sua família. Uma dessas acomodações ficava na rua Senador Euzébio, que foi totalmente demolida. Ele relata o episódio a partir dos vestígios materiais que restaram hoje:

Foi uma debandada: ‘tem que sair todo mundo porque a gente vai reformular toda essa parte da Praça Onze’... criticavam o presidente Getúlio Vargas porque ele fez aquela coisa muito grande, muito larga... as avenidas. E aquelas ruas ali de dentro... nós morávamos numa chamada Senador Euzébio. Era esse o nome da rua. Foi totalmente demolida. Você nem sabe onde é. Era na Praça Onze, uma rua horizontal. Não sobrou nada. Ela está toda aberta. Tem jardinzinho com um canteiro no meio. [...] Em toda a avenida Presidente Vargas existiam palmeiras. Eu acho que a última caiu a pouco tempo. (Joel Mansour, 2022).

A casa, a vizinhança e o trabalho misturam-se na lembrança dos mais velhos e isso faz com que eles atribuam importância enunciada às demolições que foram concretizadas. Nessas paisagens, agora inexistentes, estão seus antigos afetos. De forma semelhante, Salim e Mari descreveram a perspectiva dos fundos de um sobrado da Saara para uma vizinhança que também já “não existe mais”. Esses relatos mostram que o mais importante para eles foi ressaltar como aquele território era antes e o que restou dele. Não obstante, foi impossível falar sobre o passado sem evocar o entorno do espaço em questão. As lembranças sobre o alcance do mar antes do processo de aterramento, as palmeiras da Cidade Nova, os animais do Campo de Santana e os carnavais de rua ganharam tanto destaque quanto as enormes mesas de comida árabe e os encontros festivos nos sobrados da rua da Alfândega e adjacências.

As observações acima incidem sobre um segundo elemento referente à preservação do espaço. Um ponto em comum a todos os relatos, incluindo diferentes gerações de entrevistados, está no paradoxo sentido em relação ao que eles pensam da Saara na atualidade. Se, por um lado, a caminhada diária em suas ruas ainda faz parte do cotidiano comum, por outro, a evocação os maus tratos aos sobrados foi uma unanimidade. É um consenso discursivo mencionar que a região analisada não é bem cuidada, que o centro da cidade carece de moradia e de pessoas fazendo seu uso no cotidiano e que os incêndios não são raros naquela área.

A política de má preservação remete a um procedimento íntimo à memória, que é o do apagamento. Salim e Mari nos contaram que o vínculo cotidiano deles com a Saara foi encerrado depois de um incêndio no sobrado, na década de 1970. Sob outro

aspecto, a conversa sobre a má preservação provocou em Joel as lembranças de outro episódio de incêndio presenciado na sua infância:

Os prédios também do Saara... você fica olhando... observa para ver só a beleza da arquitetura. Nós moramos também na rua Senhor dos Passos número 266, e tinha uma sacada que nos salvou um dia que pegou fogo no sobrado, porque incendiou e estávamos todos em casa. Eu tinha uns cinco ou oito anos, e a minha mãe nos colocou na sacada, todos os cinco filhos. Meu pai estava trabalhando. Aí começaram a gritar, e como o sobrado era todo de madeira, era muito fácil pegar fogo. Então ela correu lá pra cima, colocou as colchas e cobertores em cima da gente. E alguém já tinha chamado o bombeiro, que fica perto, do outro lado do Campo de Santana, na outra esquina. E nós escapamos assim. Nós saímos pela escada do bombeiro, pela sacada. Até hoje tem esse sobrado, e eu passo por lá e ainda tem algumas famílias ali. Ainda tem duas famílias que moram lá, daquela época. Uma delas é dona da Padaria Bassil, que fabrica aquele pão árabe. É uma das famílias que têm uma 'enraizada' lá. *As outras saíram.* (Joel, Mansour 2022).

Tendo como base os conflitos da memória (Jelin, 2017), percebe-se que a memória não trata diretamente do passado, mas, ao contrário, evidencia o modo pelo qual os sujeitos constroem um sentido para suas vivências e formam os seus significados no presente. O fator de imaginação é evidenciado nessa fala, ao constatar que ainda existem duas famílias morando nas ruas ou, nas palavras de Joel, uma “enraizada lá”. O testemunho se manifesta de forma que a imaginação também faz parte do ato de narrar, complexificando o olhar sobre o tempo, podendo ser desencadeada a partir de um acontecimento conflitivo.

O terceiro elemento a ser destacado parte de um espaço físico para mencionar outros espaços e lembranças que não se limitam ao centro da cidade carioca. Como estamos tratando de um lugar com um passado migratório, alguns rastros são deixados. Em outras palavras, as memórias que compõem esse espaço físico podem estar em um objeto, uma comida, uma fotografia, ou seja, podem não coincidir com o espaço da rua.

Recorrendo ao pensamento de Pierre Bourdieu, percebe-se que há uma dissociação entre o espaço físico e o espaço social. “O espaço social tende a funcionar como um espaço simbólico, um espaço de estilos de vida e de grupos de estatuto, caracterizados por diferentes estilos de vida” (Bourdieu, 1990, p. 160). A noção de espaço social proposta por Bourdieu é pertinente para pensarmos o espaço para além das fronteiras do estado-nação.

Levando em consideração a proximidade teórica de Bourdieu e de Sayad, outra noção desenvolvida se faz aqui presente: a do “espaço nostálgico” (Sayad, 1998). O espaço social seria convertido em espaço nostálgico à medida que os sentidos de mal-estar afetam a vida do sujeito migrante. O problema que se coloca diz respeito

ao dilema vivido pelo migrante sobre não poder retornar a um tempo e a um lugar específico. Com base em Sayad, Escudero (2017, p. 172) afirma que é possível voltar ao lugar de partida, “porém, não pode voltar nunca ao tempo da partida, voltar a ser tal como era no momento da partida, nem, tampouco reencontrar, tal e como deixamos, os lugares e as pessoas”. As migrações são jornadas que marcam os sujeitos, pois são acompanhadas por transformações irreversíveis no tempo e no espaço. Podemos deslocar esse pensamento para a Saara, considerando que, quando falamos sobre um passado a partir de um espaço geográfico, evocamos percepções transversais que não coincidem com a dimensão física.

As diásporas

Tendo em vista o caminho trilhado neste artigo ao discorrer sobre os usos da imagem e as implicações fílmicas da história oral nas entrevistas, discutiremos como tais manifestações da memória refletem a experiência coletiva de um espaço transformado. Além disso, trataremos sobre como a Saara ainda provoca lembranças de espaços outros, sociais e nostálgicos, que transcendem sua delimitação geográfica.

Primeiramente, foram percebidas diferenças entre as entrevistas de acordo com o recorte geracional. O ambiente silencioso das casas dos entrevistados mais velhos, sem interferência externa, colaborou para que os entrevistados deixassem transparecer emoções. As conversas foram mais calmas e duraram em torno de duas horas. Entretanto, essa disponibilidade de tempo não foi a mesma para as entrevistas realizadas nas lojas e nas ruas do centro da cidade, pois o tempo disponível durante a jornada de trabalho não permite a mesma entrega que os mais velhos tinham em suas casas.



Figuras 4 e 5 – Rebeca e Kamal, 2021. Foto: Daniela Nigri.

Um elemento paradoxal observado é que as famílias dos entrevistados vieram de cidades e países relativamente próximos, mas em épocas diferentes. Diante disso, ao questionarmos sobre os motivos que os levaram a migrar, as respostas variaram entre fatores econômicos e políticos. Os reflexos da Primeira Guerra Mundial no

O Oriente Médio, a dominação francesa na Síria e a Guerra Civil libanesa estavam entre os principais motivos. É fato que esses eventos críticos influenciaram na busca por melhores condições de vida, no entanto, parece haver algo mais sustentando essas migrações em épocas tão distintas entre si.

Retomando a lógica de Bourdieu, podemos pensar que, quando falamos de um grupo migrante, deveríamos nos referir a um processo indissociável entre habitus e capital. Oliveira e Kulaitis (2017) apresentam os conceitos de habitus imigrante e capital de mobilidade, derivados da Teoria da Prática de Bourdieu, para verificar em que medida os projetos migratórios são frutos de um sistema de disposições (habitus imigrante) e se transformam em um conjunto de propriedades específicas (capital de mobilidade). Os autores defendem que a decisão de migrar e os processos de integração estão interligados e dependem da força do habitus interiorizado e da quantidade de capital acumulado.

O habitus imigrante seria “o conjunto de disposições adquiridas que funcionam como princípio gerador de representações e práticas migratórias. Tem sua origem e formação nas experiências migratórias pessoais ou vivenciadas no interior do grupo étnico e/ou familiar” (Oliveira; Kulaitis, 2017, p. 42). Quando aplicamos essa lógica em nosso estudo, podemos pensar que o habitus foi uma construção de longo prazo, que fez com que um número expressivo de pessoas migrasse até a primeira metade do século passado para o Brasil. Para além das motivações políticas e econômicas diretas, ou seja, fatores de repulsão do país de origem e de atração ao país de destino, é possível pensar nesse habitus construído em longo prazo por meio de uma socialização que refletia no desejo de migrar.

A primeira geração que chegou à rua da Alfândega, ao adquirir o capital necessário para migrar, por empréstimo ou por recursos próprios, foi cativada pelo trabalho de prestamistas e mascates, adquirindo capital econômico. Esses conhecimentos fazem parte do capital de mobilidade, que é adquirido pelos sujeitos migrantes através de experiências próprias, de pessoas próximas da família ou do grupo étnico. O capital de mobilidade pode então ser definido como um “conjunto de bens (simbólicos e materiais) que se apresenta sob a forma de conhecimentos migratórios” (Oliveira; Kulaitis, 2017, p. 42).

O capital social também é decisivo na jornada migratória, compreendida como a rede de pertencimento na qual estamos inseridos, abrangendo os familiares e as amigas. Praticamente em sua totalidade, aqueles que migraram para as ruas do centro tiveram suas jornadas facilitadas pelo capital social. Amigos, primos, irmãos, ou mesmo patrícios desconhecidos tiveram o papel fundamental de ajudar os recém-chegados. Entretanto, o habitus imigrante, referido para tratar das migrações árabes no centro da cidade carioca, diminuiu. Nesse contexto, aos 50 anos, o entrevistado Toni Haddad (2022), libanês, relatou que não conhecia ninguém de sua geração que havia migrado para o Rio de Janeiro.

As considerações acima refletem um cenário geral para entendermos algumas das questões colocadas nesta pesquisa, que perpassa tempos e espaços múltiplos. O elo material que une todas as entrevistas e as análises das migrações é a Saara. Entretanto, as memórias que surgem ultrapassam seus sobrados e evocam uma dimensão subjetiva, cultural e simbólica. Assim, tratamos das memórias que se associam às migrações e convergem para um cenário multiterritorial. “O espaço migratório se destaca, antes, pela multiplicidade dos modos de sua ‘produção’ social e simbólica e a natureza intrinsecamente multiterritorial tanto da sociabilidade como da subjetividade do migrante” (Elhajji; Malerba, 2016, p. 113).

Considerações finais

Em direção contrária ao nacionalismo metodológico, nosso esforço com as fontes orais e imagéticas foi não apenas o de ordenar, mas o de decifrar e ressignificar os vestígios sobre tempos e espaços que ultrapassam fronteiras. Os sentidos sensoriais evocados pelas memórias que unem o país de origem e a sociedade-destino incidiram também de fora para dentro do sujeito. Por exemplo, a praia é um elemento sensorial que age sobre os que vieram de cidades litorâneas, como os que chegaram da cidade de Sidon, no Líbano. Haim, judeu libanês e antigo morador da rua da Alfândega e adjacências, escreveu a seguinte frase: “Quem nasce e vive à beira-mar sente uma grande nostalgia quando se vê obrigado a viver longe do mar” (Nigri, 2017, p. 55).

A memória manifesta-se de forma diversa, a depender do lugar de origem e da geração, e pode se presentificar nos detalhes. Os relatos dos mais velhos, que nos receberam em suas casas, se tornaram concretos a partir do momento em que nossas conversas também passaram a ser recheadas por caquis, burekas, doces árabes e, claro, café. Assim, as conversas que se sucederam elaboraram perspectivas fragmentadas, entre lembranças e esquecimentos, sobre os países de origem, a habitação no centro da cidade, as reformas urbanas e suas atualizações mnemônicas. Quando perguntamos a Rebeca se ela sentia saudade, a resposta foi a seguinte:

Muita saudade de tudo. Porque era a família toda junta. Não sei se é a idade... porque a gente era jovem, e a juventude é toda boa. A gente não tinha problema. Não tínhamos os problemas que a gente tem hoje. A vida de hoje sobrecarrega todo mundo de problema, inclusive nas crianças. Eu acho que as crianças hoje não têm a infância que a gente teve, de brincar na rua, de amarelinha, de roda. Hoje elas querem telefone celular, computador, eles não têm a infância que nós tivemos. Nós tivemos uma infância muito boa. Era livre. A mãe não se importava que você tivesse embaixo. (Rebeca Varsano, 2022).

Joel, um dos mais velhos que continua a caminhar diariamente na Saara, também sente saudade do passado: “agora saio para dar uma rodada e não encontro muita mais gente não. Eu queria que aquele conjunto voltasse no tempo. Porque não mudou para melhor, mudou para pior. Os prédios não têm uma boa manutenção”. Ele complementa com a seguinte observação: “hoje mesmo, andei lá na rua do Rosário, na Uruguaiana. Aqueles prédios na Visconde do Rio Branco, na Tomé de Souza, estão completamente jogados. Como deixaram isso acontecer?” (Joel Mansour, 2022).

Do ponto de vista do esquecimento, as destruições materiais de lugares sagrados também foram evocadas nos relatos, pois as igrejas são as únicas que ainda se mantêm em matéria no centro da cidade, a exemplo da Igreja de São Jorge e da Catedral Ortodoxa Antioquina de São Nicolau. As antigas sinagogas de libaneses foram transferidas para os bairros da Tijuca e do Andaraí, enquanto as mesquitas não existem mais. Kamal, outro antigo trabalhador e frequentador da Saara, conta que, em seu passado, estar no centro da cidade era estar próximo de mesquitas, mas agora é necessário se deslocar para outros estados e cidades:

Eu sou muçulmano casado com católica... no Rio de Janeiro já tiveram várias mesquitas. Na década de 1910, 1920, a Rio Branco tinha, aqui no centro tinham várias. Porque tinham muitos muçulmanos aqui. Hoje o Rio de Janeiro é escasso. O islamismo aqui é escasso. Está mais concentrado em Foz do Iguaçu, São Paulo, Paraná. (Kamal Kalaoum, 2022).

Os fragmentos acima foram extraídos de conversas com pessoas de 74, 80 e 92 anos de idade, e nos remetem à colocação de Bosi (2012, p. 82) sobre a memória de velhos: “quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-a para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento”. Nas sociedades direcionadas para o lucro e a produtividade, os mais velhos são colocados à margem. No entanto, a atividade de rememorar pode ser significativa, quando encontram escuta para suas histórias. Assim, “o vínculo com a outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância” (Bosi, 2012, p. 82).

Por fim, ressaltamos que as imagens fixas e as imagens em movimento auxiliaram nas interpretações da memória, gerando sensações criadas pelo uso da lente, da luz, da sonoridade e da montagem das mesmas, resultando em um documentário curta-metragem⁴ Independentemente de termos partido de um espaço mínimo de uma

⁴ O curta-metragem *Saara: um lugar de memória* está disponível no YouTube do projeto “oestrangeiro.org”, que aborda as migrações transnacionais no Brasil. O projeto é desenvolvido pelo grupo de pesquisa Diaspotics, vinculado ao PPGCOM/UFRJ. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ji0Iaa94Qw>. Acesso em: 3 ago. 2023.

loja, de uma casa ou da rua, a memória se manifestou, afirmando que o sentido das experiências se cria ao longo do tempo. A partir da montagem entre narrativas filmadas e fotografias, permitimo-nos tocar nas presenças ausentes, no esquecimento e na lembrança. Podemos perguntar o porquê desse exercício de recriar os mundos a partir desses vestígios. Simplesmente, porque eles reanimam determinados usos das cidades, imbricados em um lugar de memória, que se tornou incorporado ao cotidiano carioca.

Referências

- ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em História oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Teorema, 2009.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-168.
- BRESSON, Robert. *Notas sobre o cinematógrafo*. São Paulo: Iluminuras, 2014.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 206-219, 2012.
- ELHAJJI, Mohammed; MALERBA, João Paulo. Dos usos comunitários da webradiofonia no contexto migratório transnacional. *REMHU*, Brasília, v. 24, n. 46, p. 109-127, jan./abr. 2016.
- KEIGHTLEY, Emily; PICKERING, Michael. *The mnemonic imagination: remembering as creative practice*. Londres: Palgrave Macmillan, 2012.
- JELIN, Elizabeth. *La lucha por el pasado: cómo construimos la memoria social*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2017.
- MEIHY, Murilo. *Os libaneses*. São Paulo: Contexto, 2016.
- NIGRI, Haim Elias. *Templo Sidon: um século de história*. Rio de Janeiro: [S.n]: 2017.
- OLIVEIRA, Márcio de; KULAITIS, Fernando. Habitus migrante e capital de mobilidade: a teoria de Pierre Bourdieu aplicada aos estudos migratórios. *Mediações*, Londrina, v. 22 n. 1, p. 15-47, jan./jun. 2017.
- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Árabes no Rio de Janeiro: uma identidade plural*. Rio de Janeiro: Cidade Viva Editora, 2010.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine

Ribeiro. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

RANCIÈRE, Jacques. A ficção documental: Marker e a ficção da memória. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 178-189, dez. 2010.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A história oral nos estudos de jornalismo: algumas considerações teórico-metodológicas. *Contracampo*, Niterói, v. 32, n. 2, p. 73-90, abr./jul. 2015.

RIBEIRO, Paula. *Saara: uma paisagem singular na cidade do Rio de Janeiro (1960-1990)*. Dissertação (História Social) – PUC-SP, São Paulo, SP, 2000.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

VELASCO, Laura; GIANTURCO, Giovanna. Migración internacional y biografías multiespaciales: una reflexión metodológica. In: ARIZA, Marina; VELASCO, Laura (Coord.). *Métodos cualitativos y su aplicación empírica: por los caminos de la investigación sobre migración internacional*. México, 2012.

Fontes orais

GHAZI, Carlos [61 anos]. [jul. 2022]. Entrevistadora: Daniela Nigri. Rio de Janeiro, RJ, 20 jul. 2022.

HADDAD, Toni [51 anos]. [out. 2022]. Entrevistadora: Daniela Nigri. Rio de Janeiro, RJ, 5 out. 2022.

JOSÉ, Salim [89 anos]. [out. 2022]. Entrevistadora: Daniela Nigri. Rio de Janeiro, RJ, 2 out. 2022.

KALAOUM, Kamal [74 anos]. [ago. 2022]. Entrevistadora: Daniela Nigri. Rio de Janeiro, RJ, 7 ago. 2022.

MANSOUR, Joel [80 anos]. [ago. 2022]. Entrevistadora: Daniela Nigri. Rio de Janeiro, RJ, 3 ago. 2022.

MANSOUR, Julia [78 anos]. [ago. 2022]. Entrevistadora: Daniela Nigri. Rio de Janeiro, RJ, 3 ago. 2022.

NIGRI, Mari [88 anos]. [out. 2022]. Entrevistadora: Daniela Nigri. Rio de Janeiro, RJ, 2 out. 2022.

VARSAÑO, Rebeca [92 anos]. [set. 2022]. Entrevistadora: Daniela Nigri. Rio de Janeiro, RJ, 10 set. 2022.

Recebido em 28/03/2023

Versão final reapresentada em 25/06/2023

Aprovado em 17/07/2023

Fonte de financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Bolsa.

Conflito de interesses: nada a declarar.